

**sinopse** Três mulheres a viver num prédio antigo na cidade de Lisboa: Aurora é uma idosa temperamental e excêntrica; Santa, a empregada cabo-verdiana; e Pilar, uma vizinha dedicada. Sentindo o fim a aproximar-se, Aurora faz-lhes um pedido invulgar: quer encontrar-se com Gianluca Ventura, alguém que até àquele momento ninguém sabia existir. Assim, dispostas a cumprir o desejo da velha senhora, Santa e Pilar acabam por descobrir que os dois viveram uma história de amor e crime no passado. Uma história que começou há 50 anos em Moçambique, algum tempo antes da Guerra Colonial, e reza assim: "Aurora tinha uma fazenda em África no sopé do monte Tabu..."

**Realizado por Miguel Gomes ("Aquele Querido Mês de Agosto"), o filme, em competição na Berlinale de 2012, foi aplaudido pelo público e pela crítica, acabando por receber o prémio da crítica, atribuído pela Fipresci.**

**Ficha técnica** Título original: Tabu (Portugal / França / Alemanha / Brasil, 2012, 111/8 min.)

Realização: Miguel Gomes

Interpretação: Teresa Madruga, Laura Soveral, Ana Moreira, Carloto Cotta

Argumento: Miguel Gomes e Mariana Ricardo

Produção: Maren Ade, Sandro Aguilar, Luís Urbano

Fotografia: Rui Poças

Montagem: Telmo Churro, Miguel Gomes

Estreia: 5 Abril de 2012

Distribuição: O Som e a Fúria

Classificação: M/12 anos



## **Lágrimas de crocodilo**

*Luís Miguel Oliveira, Público de 5 de Abril de 2012*

**África takes over. Sobram despedidas furtivas, cartas que ninguém lerá, silêncios lancinantes. Como este filme**

Toda a gente chora em Tabu. Por si e pelos outros. É mesmo o vínculo maior entre as personagens, como se fosse pelo choro que se estabelecesse o contacto entre as da primeira parte e as da segunda. Senão, reparem naquele momento, já na segunda parte, quando os amantes (Carloto Cotta e Ana Moreira) estão separados, pelas circunstâncias e pela geografia, e há um plano de Ana Moreira em lágrimas, depois outro de Carloto em lágrimas, enquanto na banda sonora passa a canção (uma versão espanhola do Be My Baby de Phil Spector e das Ronettes) que nesse plano vemos Carloto, à bateria, a tocar.

Lembramo-nos então que já antes tínhamos ouvido essa canção, na mesmíssima castelhana versão - durante a primeira parte, numa cena numa sala de cinema vazia, com a doce Pilar (Teresa Madruga), o amigo/namorado (Cândido Ferreira) adormecido a seu lado, em lágrimas perante imagens que só ela vê.

Percebemos então que era já Tabu que ela via, a primeira parte a olhar a segunda como se a segunda fosse o filme que a primeira anseia por acolher - para enfim, perceber por que tem

vontade de chorar. Não perde pela demora; a emoção difusa e elíptica da primeira parte flui rumo a uma cascata (há água - leia-se “lágrimas” - que cheguem para todos) na segunda, como se do fundo do tempo se destapassem as razões da tristeza - e o “paraíso perdido” (título do primeiro capítulo de Tabu) tivesse finalmente uma visão clara e precisa do que tinha sido o “paraíso” (título do segundo capítulo).

Coisa espantosa de Tabu: reencontra a pujança emocional do melodrama, no primeiro grau e na flor da pele, através de um sistema que aparentemente não pára de colocar “filtros” entre o espectador e a acção - a estrutura bipartida, o flash-back, a narração off, a mudez das personagens do “Paraíso”.

É longo e labiríntico o caminho para o “cinema extinto”, mas Tabu encontra-o de facto: no fim, choramos como o espectador do tempo em que os espectadores acreditavam, em primeiro lugar, na sua capacidade de chorar. Ou ainda: Tabu personifica um cinema que, sabendo-se inapelavelmente moderno por inerência e condição, tem a loucura frankensteiniana de se auto-injectar uma ampola de sangue do cinema clássico. Proeza: vemos esse sangue a espalhar-se pelo corpo (do filme), e nenhuma das cicatrizes de Frankenstein.

Passemos à descrição. é um filme em duas partes reconhecíveis (como nas outras longas de Miguel Gomes, *A Cara que Mereces* e *Aquele Querido Mês de Agosto*), mas agora anunciadas de maneira explícita. Há um preâmbulo, antes da primeira parte lisboeta e contemporânea, onde ficamos a saber que, por desgosto de amor, um explorador de uma África de BD emprestou a alma a um crocodilo, doravante melancólico, testemunha silenciosa do resto de uma história onde os crocodilos (até na primeira parte há um, um crocodilo-brinquedo de centro comercial) terão papel inadvertido mas essencial.

Daí passamos a Lisboa e a Pilar, mulher católica (reza muito), contestatária (manifesta-se contra a ONU) e solitária (tem como único amigo um pintor de “mão bruta e alma sensível”, Cândido Ferreira), progressivamente preocupada com a vizinha, uma velhota chamada Aurora (Laura Soveral), cuja saúde mental parece dissolver-se entre sonhos com macacos peludos, jogatanas no casino, e suspeitas de que a sua criada africana, Santa (Isabel Cardoso), faz macumbas contra ela. São os últimos dias de Aurora, vividos entre memórias desconexas de “crocodilos” e de um tal de Sr. Ventura. O Sr. Ventura (Henrique Espírito Santo) aparece quase a tempo - e numa selva recriada no kitsch plastificado de um centro comercial qualquer, onde para além do crocodilo há um tucano empalhado, começa a contar a história de Aurora: “ela tinha uma fazenda em África”.



Não mais abandonaremos a narração do Sr. Ventura, ou só temporariamente, nos segmentos “epistolares” do filme, quando a voz da Aurora de Laura Soveral reaparece para dizer o texto das cartas (é por uma carta que o filme acaba, depois dela o silêncio, o fim de tudo: Murnau, com certeza, mas *Tabu* não exclui, et pour cause, um sombreado de *Amor de Perdição*, Oliveira e Camilo). E pela narração de Ventura, como num sonho a preto e branco de super 8, recria-se uma colónia portuguesa em África, no sopé do fictício Monte Tabu, no princípio dos anos 60, com os primeiros indícios da agitação independentista em fundo (paraíso/paraíso perdido: o filme inventará o seu próprio link com a guerra colonial).

Nesta espécie de museu imaginário do colonialismo português, que casa a memória portuguesa com uma memória universal do colonialismo (é uma África aventureira e idealizada, “exótica” como a de um filme americano, da RKO por exemplo), Aurora e Ventura vivem uma história de amor ilícito e terminal, um filme mudo narrado a posteriori, sem voz (excepto a voz das canções) mas com muitos sons (os sons da selva, cuidadosa e arbitrariamente colocados - o trabalho de

som é espantoso, a fotografia é extraordinária). Tudo está condenado desde o princípio, o no future deles é o mesmo no future de Portugal em África. Correm para lado nenhum, em caminhadas pela savana, em movimentos de câmara que parecem querer encontrar os travellings de Murnau no *Sunrise* - às vezes param para fixar o espectador olhos nos olhos, misto de desafio e pedido de compaixão, como nenhuma personagem de cinema clássico ousaria.

Outras vezes ficam quietos a desenhar animais nas nuvens, como personagens de um filme japonês. Anunciada pela neblina que desce pela encosta do Monte Tabu (essa neblina que a mitologia local associava aos "maus espíritos"), a tragédia acelera, para rebentar no plano subjectivo do olhar de um morto, e no contracampo acusatório de dois miúdos negros de mirada gravíssima. Na banda sonora, a música e os ritmos africanos tomam o lugar das Ronettes e das cançonetas italianas: África takes over. Sobram despedidas furtivas, cartas que ninguém lerá, silêncios lancinantes. Como este filme.

## Memórias de (outra) África

*João Lopes, Cinemax*

**As memórias de África estão de volta ao cinema português através de "Tabu", de Miguel Gomes: um filme que revisita os anos 60 em imagens a preto e branco, numa narrativa sem diálogos.**

Bastará citarmos títulos como "Um Adeus Português" (1986), de João Botelho, ou "Non ou a Vã Glória de Mandar" (1990), de Manoel de Oliveira, para compreendermos que, apesar de tudo, existe na produção cinematográfica portuguesa uma relação com a história do colonialismo português que, de uma maneira ou de outra, se cruza com as memórias da Guerra Colonial.

Em todo o caso, não podemos deixar de sentir que há um défice, não apenas cinematográfico, mas genericamente cultural, nas nossas ficções face às componentes africanas da nossa história.

O filme "Tabu", de Miguel Gomes, constitui uma aposta original para contrariar tal défice, acima de tudo porque nele se ensaia o retorno a um certo romanesco que recusa reduzir a história a categorias ideológicas mais ou menos estereotipadas.

Mais concretamente, "Tabu" organiza-se como uma viagem ambígua a uma época (tendo como pano de fundo o pressentimento vago, mas contundente, da guerra) em que a noção de utopia ainda parecia possível. E, depois de evocar a última década do século XX, fá-lo convocando a pulsão utópica de um cinema também ele enraizado num tempo outro: sem diálogos e com imagens a preto e branco.

Daí o sentimento paradoxal que "Tabu" instala no espectador: há um reconhecimento das paisagens africanas que não exclui, antes parece atrair, a possibilidade de uma outra África que permanece à deriva no mapa instável das nossas memórias (individuais e colectivas). No limite, "Tabu" recoloca-nos perante uma interrogação drástica: em pleno século XXI, de que falamos quando falamos do património africano de Portugal?

